

Confira a sinopse:

## **Argumento**

Em 2024, o Grêmio Recreativo Escola de Samba União de Maricá apresenta o enredo “O Esperançar do Poeta”, uma homenagem ao papel social, cultural e humanitário presente no ofício do compositor. Pois reside na caneta do compositor os sonhos mais puros e imaculados desse povo que mesmo de frente ao que há de mais perverso e desesperador na nossa sociedade, se permite querer, sonhar e construir mais.

A música nos leva além da Esperança. Ela nos traz a possibilidade de Esperançar.

Paulo Freire, grande educador brasileiro, uma vez escreveu sobre a Pedagogia da Esperança, onde dizia:

“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.”  
Esperançar é a capacidade de olhar e reagir àquilo que parece não ter saída. Por isso, é muito diferente de esperar; temos mesmo é de esperançar. Esperançar é ser capaz de buscar o que é viável para fazer o inédito. Esperançar significa acreditar no que parecer ser impossível.

E assim sendo, o que é o sonho do compositor senão o ato de Esperançar? Nós, sambistas, recriamos nossos mundos há um bom tempo enquanto construímos o que hoje este país chama de identidade, mas nega como cultura. Músicas, enredos, toadas, cortejos que são o reflexo mais verdadeiro desse processo. Esperançar é um movimento de existência, que elege seus próprios valores e saberes a partir da realidade vivida. E ao colocar tinta em suas canetas, e melodia em suas palavras, nossos compositores são capazes de nos fazer enxergar além.

Transformar a tampa da marmitta em pandeiro, e fazer o trem lotado se tornar um palco musical. É a capacidade de afastar a depressão nas cordas de um violão, e mesmo tendo que superar a desordem do coração, conseguir superar a desilusão. Pois não é vergonha entender que, muitas vezes, a desilusão quase é capaz de nos pegar. Mas nós somos malandros, daquele tipo que balançam, mas não caem. Afinal de contas, aprendemos a festejar

desde cedo, no barraco do Nego João, e a prosperar mesmo a pouco leite e pouco pão.

Fora dos conceitos dos livros, mergulhando nas vivências do mundo, nossos professores da esperança, os compositores, estão produzindo pensamentos, são cronistas da antropologia, do movimento social e cultural. São os mestres que nos trazem possibilidades de outros mundos a serem sonhados, sem esquecer este em que vivemos. O samba é terapia popular, seu preto tem orgulho de você.

Homenageando este movimento, convidamos todos os compositores para um bate-papo com um dos mais importantes compositores da nossa história, Guaracy Sant'anna, o Guará, artista que compôs nos anos 1980 grandes sucessos que refletem a vida do negro sambista, suburbano e favelado, sempre o levando a uma reflexão, mas principalmente lhe trazendo orgulho e a possibilidade de sonhar. Para Guará, sempre havia uma possibilidade de sobreviver. A inspiração vem de longe. Guará sabia, seus pares sabem, nós sabemos.

Existe a luta para quem quiser lutar.

Luta na caneta. Na voz. Na corda. Na palma da mão. Nos atabaques, pandeiros, violas, ganzás e tamborins. Luta nas ferramentas que sempre utilizamos para poder enxergar mais. O samba nos faz enxergar mais, querer mais e não aceitar menos. E Esperançar na nossa batalha de cada dia.

### **Vamos fazer um samba com Guará?**

Primeiramente, senhoras e senhores compositores, é um prazer contar com a sua participação no concurso de samba de enredo da União de Maricá, visando o carnaval de 2024. Num projeto como o desse ano, é extremamente importante para nós contarmos com a presença de vocês, compreendendo que é no ofício que vocês desempenham com tanto amor e carinho que mora a inspiração para o nosso carnaval. Isto posto, gostaríamos de convidá-los a compor esse samba com o Guará, partindo do princípio da nossa proposta, que é compor **junto** a ele um samba em resposta à provocação que chega pelo rádio.

*Daqui de baixo já conseguimos ouvir*

*toda noite cantoria em meio ao gritos  
Lá de cima vem um toque  
Marca como se fosse um relógio  
Marcando o seu próprio tempo  
que não é este em que me encontro*

*O que espera essa gente?*

*Em meio a escuro dos becos  
espremidos sonhos e desejos iluminados pela luz da candeia  
enfim chegamos à clareira  
Clareou um terreiro e estão em festa.  
Estão em festa? Por que são felizes?*

*O que espera essa gente?*

*vibrando o couro do surdo  
negra mão surrando um atabaque  
couro de gato no tamborim  
nem parece que estão aqui  
Não parece que vivem aqui!  
Aqui?! Aqui?! Aqui?!*

*Tábuas de madeira seguram seus barracos  
o telhado de zinco onde dá pra ver o céu estrelado  
E estão dançando como se não vivessem aqui  
Aqui?!*

*O que espera essa gente?*

*Eu quero uma resposta porque não entendo  
Quando estão cantando com os olhos fechados  
Não sei o que sentem  
Eles sonham? com o que sonham?  
Eu não entendo, não entendo, não entendo.*

*O que espera essa gente?*

*Esperam acordar em um lugar diferente? Clamam por algo que não  
vai chegar? Mas, por que de sorriso aberto? Está no violão uma  
solução para a depressão?*

*O que espera essa gente?*

*Eu acreditava que não se moviam*

*Julgava que sucumbiam  
Pensava que morriam  
Deduzia que não voassem  
Presumia violência no mundo que vivem*

*Afinal, quem é essa gente?*

*Que passa por tanta coisa e ainda faz festa.  
Eles passam o ano inteiro  
Numa preparação que ocupa a mente  
aonde isso te leva, entende?  
Festa o ano inteiro  
Existe trabalho para impor respeito? o que constrói essa gente?  
Onde vão chegar?*

*O que espera essa gente?  
Porque o batuque continua  
mês a mês um evento diferente  
se eu contar o Brasil todo, fico doente  
Essa gente só samba, só dança, só reza é quer ser rei de paetê.  
Pra quê?*

*O que espera essa gente?*

*Mestre de bateria, capoeira, de sambinha  
Mestre fulano, ciclano, fuleiro, folia o ano inteiro estão sorrindo  
não pensam no futuro dessas crianças  
É o dia todo: não corre, menino!  
Não existe um exemplo decente, corrigido*

*O que espera essa gente?*

*Em que se transformarão?  
Eles não procuram um futuro, não olham pra frente  
só olham pra trás, eu tô com pena dessa gente*

*Eu não aguento esse tipo  
Esse tipo que só espera*

Dentro da liberdade para as referências e para a inspiração, é essencial compreender que a proposta para o samba é que ele seja uma resposta a essa provocação. Enxergamos que cada um teria sua própria maneira de responder tais absurdos, mas nos é essencial que não deixe de ser uma resposta. Por que fazemos

festa em meio à miséria, à violência, à fome? Por que o batuque nunca abandona nossas vidas? Por que insistimos em manter o sorriso aberto e a recorrer ao violão para vencer a depressão? É preciso que apresentemos às pessoas quem somos, porque somos e mais do que tudo, por que insistimos em ter esperança e em esperar a ideia de dias melhores.

### **1º Setor**

O universo particular de cada compositor. Aqui, fazemos uma homenagem ao próprio ato de compor, à magia envolvida nesse processo, e às maneiras com que a inspiração pode chegar até nós. Desta forma, procuramos falar das coisas que nos trazem inspiração, mas não são exatamente palpáveis. A luz, o cantar das cigarras e dos pássaros, o cheiro de café recém-passado ou a textura de um lenço.

Tudo isso são caminhos e materiais que nos levam para um estado de suspensão do próprio tempo, e nos carregam para um lugar onde podemos construir o nosso sonho de um lugar melhor. É nesse sentido que construímos o nosso enredo, e pensamos nele a partir do Esperançar. A construção desses sonhos, o esforço ativo para transformar a inspiração em música, e com ela abrir as portas para um novo mundo. Para nós, Esperançar é transformar a inspiração em sonho, e com esse sonho, construir a realidade.

### **2º Setor**

Entretanto, nem tudo são flores. A nossa realidade grita em nossos ouvidos, de maneira que esquecer não é uma possibilidade. Só que, para nós, nunca foi sobre esquecer, pois não temos a chance de fazê-lo. Mas podemos transformar a desilusão em novas ferramentas para acreditar e implementar um futuro melhor. Então, usamos a música para buscar alternativas, e uma maneira de fugir dos nossos ais. Denunciar a falta de assistência, a falta de estrutura e os demais problemas que são persistentes e contínuos na nossa realidade por intermédio da melodia e da poesia é uma arte que dominamos.

### **3º Setor**

A cultura afro-brasileira é a consequência de constantes tentativas de sobrevivência em um país que insiste em negar cidadania a

estas populações marginalizadas. A nossa cultura é também uma estrutura robusta que substituiu ao longo do tempo as estruturas que deveriam ter sido oferecidas pelo poder público, mas nos foram negadas pois nos negaram o direito de sermos cidadãos. São nestas manifestações culturais que o sonho em tornar-se rei, como símbolo de participação de poder e possibilidade de transformação, se afloram e se materializam. E, no carnaval, virando reis e rainhas, símbolos de força e magnitude, os sambas que acompanham estes enredos mudam e salvam vidas, nos oferecem a oportunidade de sonhar o que parece impossível, e construir na avenida a realidade que coroa os nossos semelhantes.

#### **4º Setor**

A música nos ajuda a superar as dificuldades caminhando na construção de um futuro melhor, e parte dessa construção está na nossa fé. A fé de que veremos dias melhores, nos apegando em nossos padroeiros, protetores e guias, com a esperança de que neles encontraremos a força necessária para fazer com que essa esperança não seja um verbo de espera, mas sim uma ação de preparação para o tempo que vem.

O tempo onde a bonança tomará nossas vidas, a fartura ocupará as mesas e nossas crianças não serão mais um “problema social”. Assim, a nossa fé também reside nas nossas lideranças, pois mora nelas o caminho de dias melhores. As lideranças do povo, da favela, do subúrbio. Com uma mensagem de fé e esperança(r), nós encerraremos o nosso desfile preparados para um amanhã mais gentil para os nossos.

*Autores do enredo: André Rodrigues, Igor Trindade, João Vítor  
Silveira e Kamila Maria*

*Autores do texto: André Rodrigues e João Vítor Silveira*